

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

MARIA IZABEL SIMÕES RODRIGUES

**O Amor e Ódio entrelaçados quando cercados pelo fanatismo:
uma análise da agressividade das torcidas organizadas sob a
perspectiva da psicologia analítica**

Trabalho de Conclusão de
Curso como exigência parcial
para graduação no curso de
Psicologia, sob orientação da
Profa. Dra. Marisa Vicente Catta
Preta

São Paulo
2024

RESUMO

Este trabalho propõe-se a explorar a relação do fanatismo com a violência das torcidas organizadas, analisando como o amor descontrolado pelo clube pode se transformar em combustível para a violência. Para isso, será examinada a rivalidade entre os três maiores times da cidade de São Paulo, Palmeiras, Corinthians e São Paulo. A análise abrangerá fatores culturais, sociais, econômicos e psicológicos que contribuem para o comportamento extremo dos torcedores, a partir de conceitos teóricos junguianos. O estudo almeja observar e compreender as complexidades dessa relação do fanatismo com a violência nas torcidas organizadas e os fatores contribuintes para esses comportamentos violentos desses torcedores, com o intuito de observar se existe uma conexão entre o fanatismo e a violência nas torcidas organizadas e como se estabelece.

ABSTRACT

This study aims to explore the relationship between fanaticism and violence within organized football fan groups, analyzing how uncontrolled love for a club can become fuel for violent behavior. To that end, the rivalry among the three major football teams in the city of São Paulo — Palmeiras, Corinthians, and São Paulo FC — will be examined. The analysis encompasses cultural, social, economic, and psychological factors that contribute to the extreme behavior of supporters, using theoretical concepts from Jungian psychology. The study seeks to observe and understand the complexities of the link between fanaticism and violence in organized fan groups, and to investigate whether there is a connection between these two phenomena and how this connection is established.

Palavras-chaves: torcidas organizadas, fanatismo, violência, Psicologia Analítica

SUMÁRIO

1 Introdução.....	4
2 História da vinda do futebol no Brasil e o surgimento das torcidas organizadas.....	5
3 Fanatismo.....	7
4 Violência.....	11
5 Dinâmica psíquica na Psicologia Analítica.....	13
6 Objetivos.....	15
6.1 Objetivo Geral.....	15
6.2 Objetivo específico.....	15
7 Método.....	16
7.1 Participantes.....	16
7.1.1 Critérios de Inclusão.....	16
7.2 Local de Coleta de Dados.....	16
7.3 Instrumentos.....	17
7.4 Procedimento.....	17
7.5 Cuidados Éticos.....	17
8. Resultados.....	18
9. Discussão.....	27
9.1 A infância, os vínculos familiares e o despertar do amor ao clube.....	27
9.2 A torcida organizada como segunda casa e espaço de pertencimento simbólico.....	29
9.3 A violência e a normatização da agressividade.....	31
9.4 O fanatismo e a projeção da Sombra no rival.....	33
9.5 Liderança, hierarquia e reprodução de violência e hostilidade.....	35
10. Considerações Finais.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
APÊNDICES.....	42
Apêndice A - Roteiro da entrevista semi-dirigida.....	42
Apêndice B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	44

1. Introdução

A origem e os critérios levados em consideração para a escolha desse tema, se referem ao esporte futebol ser extremamente inserido na cultura brasileira, o Brasil vive o futebol a muitos anos. Assim como eu cresci no meio desse esporte, jogando desde pequena em times e participando de diversas competições, sendo algumas delas no exterior. Vivo o futebol desde muito cedo, uma relação tão profunda que por anos meu objetivo de vida era me tornar uma jogadora profissional, assim como a Marta, mas com o passar dos anos, meu caminho foi seguindo outros rumos.

Esse amor intenso que sinto pelo futebol não está atrelado somente a prática do esporte em si, mas sim a uma paixão desenfreada, que me toma por inteira e me acompanha desde que me entendo como gente, meu amor pelo Palmeiras. O verde é a cor dos meus sorrisos, choros, aconchego, é a cor do meu coração, essa temática me move a anos e para um estudo dessa proporção, não poderia ser outro.

Entretanto, a paixão pelo futebol é tamanha que as disputas em estádios acabam deixando de ser apenas uma competição dentro de campo, mas também uma competição, um jogo à parte, uma guerrilha nas arquibancadas. Algo que acabou sendo atravessado de uma competição saudável entre as torcidas de qual canta mais alto, qual festa é mais bonita e se torna uma competição de qual é mais forte, qual coloca mais medo, transformando o significado de torcida organizada.

No panorama do esporte mundial, as torcidas organizadas emergem como atores influentes, exercendo um papel multifacetado que transcende o mero apoio aos clubes. Com sua presença marcante nos estádios e nos bastidores do futebol, as torcidas organizadas se destacam não apenas como manifestações de paixão clubística, mas também como fenômenos socioculturais complexos, cujas dinâmicas têm um impacto significativo na dinâmica esportiva, na identidade coletiva e na esfera pública.

Nesse universo, a paixão e a devoção dos torcedores são elementos intrínsecos que alimentam a chama dos estádios e permeiam as cores e cantos

das torcidas organizadas. Contudo, por trás desse fervor, muitas vezes se esconde uma dualidade complexa: o amor incondicional ao clube contrasta com o ódio acirrado aos rivais, uma tensão que, em certos casos, deságua em manifestações de violência e conflito.

As torcidas organizadas, como comunidades que se constroem em torno do apoio fervoroso aos seus times, são espaços onde o fanatismo encontra terreno fértil para se desenvolver. Nesse contexto, o amor pelo clube se entrelaça com sentimentos de identidade e pertencimento, alimentando uma devoção que transcende o simples espectro esportivo. No entanto, essa devoção muitas vezes se manifesta em formas extremas de rivalidade e antagonismo, onde o ódio aos adversários se torna uma força motriz poderosa que impulsiona e produz movimento sob os indivíduos.

É exatamente nesse cruzamento entre amor e ódio que reside uma das questões mais importantes e desafiadoras no estudo das torcidas organizadas: a relação intrincada entre a paixão pelo clube e a violência. Ao longo das décadas, inúmeros episódios de confrontos, brigas e atos de vandalismo têm marcado a história das torcidas, lançando luz sobre uma realidade que sempre oscila entre a celebração e a tragédia, entre a irmandade e a hostilidade.

A partir disso, este trabalho se propõe a observar profundamente esse fenômeno, explorando o fanatismo das torcidas organizadas e analisando o que transforma o amor pelo clube em combustível para a violência. Visando entender o que pode estar relacionado com essa violência entre as torcidas organizadas, entrando em contato com o lugar que esse fanatismo ocupa na vida desses torcedores e o que isso acarreta ou acerca neles. Realizando em conjunto um atravessamento sobre a linha tênue que existe entre amor e ódio dentro desse fanatismo, se propondo explorar se estes dois extremos se fundem nesta circunstância. O intuito será analisar os fatores culturais, sociais, econômicos e psicológicos que contribuem para a emergência desse comportamento extremo.

2. História da vinda do futebol no Brasil e o surgimento das torcidas organizadas

Inegavelmente, a ascensão do futebol no Brasil foi meteórica, marcando um capítulo vibrante na história esportiva do país. O esporte surgiu no Brasil em meados da década de 20, porém por ser um esporte vindo de origem europeia, mais especificamente pela Inglaterra, nesta época só eram permitidos ser praticados pela elite branca brasileira. É somente em 1927, que são abolidas as proibições dos negros praticarem futebol. A partir desse momento, as partidas passam a ter um ambiente possivelmente mais democrático, por conta justamente dessa mistura de etnias em campo, o que consequentemente faz com que o esporte assuma um aspecto mais popular na sociedade, pois é para todos. À medida que o número de aficionados pelo esporte crescia, grupos começaram a se formar, ansiosos por compartilhar a emoção dos jogos de forma coletiva. Foi nesse contexto que, na década de 40, testemunhamos o surgimento das primeiras torcidas uniformizadas no Brasil. (Cassante, 2015).

Tiveram origem em São Paulo, onde torcedores da elite social se encontravam em clubes e festas, organizando suas idas aos estádios e ocupando setores específicos das arquibancadas. Contudo, o final da década de 60 marcou uma mudança significativa nesse cenário. Nesse período, uma nova forma de torcer emergiu, rompendo com as estruturas tradicionais ligadas aos clubes e seus dirigentes. Surgiram então as primeiras torcidas organizadas do Brasil, desafiando as convenções estabelecidas e abraçando uma dinâmica mais autônoma e engajada. (Cassante, 2015)

Essas torcidas organizadas tinham uma estrutura básica já formada, sendo um chefe de torcida que agregava diversos admiradores, com o mesmo objetivo das torcidas voluntárias, a saber, demonstrar a paixão que tinham pelos seus times (Toledo, 1996).

De acordo com Costa (2024), outra mudança no cenário do futebol na década de 70 em decorrência do crescimento rápido desse esporte no Brasil, foi a transformação do futebol em mercadoria, o que consequentemente gerou um investimento grande por parte do Estado na estrutura de base, ou seja, passaram a investir nos estádios e torcidas organizadas de cada um dos times. O futebol passou a ser caracterizado pela circulação de capitais.

Na década de 80 foi o período em que ocorreu a solidificação das torcidas organizadas, no que se refere aos níveis de participação dentro desse mundo do futebol e de organização burocrática. É o momento de ápice das torcidas, que expressavam bonitos espetáculos de coreografias e hinos melódicos durante os jogos (Reis, 2003).

Essas torcidas nasceram em meio a um contexto de transformações políticas e sociais, marcado pela ditadura militar. Jovens se uniam não apenas para apoiar seus times, mas também para almejar um país onde a liberdade de expressão, a igualdade e a democracia fossem valores inegociáveis. Assim, as torcidas organizadas não se limitavam apenas a incentivar seus clubes nas arquibancadas, mas também se posicionavam como defensoras dos interesses da população, lutando pelo fim do regime militar e pelo restabelecimento dos direitos democráticos, incluindo o direito ao voto, a partir do relato da socióloga Rosana Câmara Teixeira, 2004, retirado do artigo do Guilherme Vida Leal Cassante sobre o surgimento das torcidas organizadas.

Da Matta (1982,p.21) diz que *“O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”*, isto é, o futebol não é visto somente como um esporte, mas sim como símbolo poderoso de representação e luta dos brasileiros.

Na ideologia das torcidas organizadas, a união em torno dos símbolos - as cores, bandeiras, faixas e acessórios - é sagrada. Esses elementos são considerados o "patrimônio" da torcida, e perdê-los para uma torcida rival é visto como uma humilhação e uma desonra. Além de seu papel nas arquibancadas, as torcidas organizadas também exercem uma influência significativa nos bastidores dos clubes. Muitas delas assumem o papel de fiscalizadoras, monitorando a gestão dos dirigentes e exigindo transparência e eficiência, além de cobrar dedicação e comprometimento dos jogadores em campo.

3. Fanatismo

Inegavelmente, é de extrema importância abordar o conceito norteador deste trabalho, que se trata de definir o que é o fanatismo e como ele se dá em nossas vidas. Existem diversos tipos de fanatismos encontrados em nossa sociedade, os políticos, religiosos, culturais e esportivos, que será o tipo de fanatismo que iremos nos debruçar e aprofundar neste trabalho. Em sua essência, o fanatismo pode ser decorrido como uma adesão inflexível e apaixonada a uma ideia, causa ou crença, que em sua maioria costuma ser acompanhada de intolerância e hostilidade em relação a práticas ou opiniões diferentes. Enquanto fenômeno psicológico e social, o fanatismo carrega em si uma dinâmica de negação das incertezas internas. Jung ([1973] 2011) aponta que essa postura extrema reflete uma tentativa inconsciente de afastar dúvidas internas, substituindo-as por uma convicção inquestionável.

De acordo com Jung, a identificação excessiva com um arquétipo pode levar o indivíduo ou grupo a se considerar o único detentor da verdade, o que pode justificar atitudes intolerantes e violentas em relação aos outros (Jung, [1964] 2016). A partir disso, podemos compreender que o fanatismo se refere a uma devoção intensa, que tende a tomar o ser humano e que é irracional, algumas das principais características desse fenômeno na vida das pessoas é a intolerância, que se dá neste caso como uma falta de aceitação e respeito por outras opiniões que não seja a própria, ou que não seja a mesma que a sua. Isso está relacionado também a outro ponto importante que é a intransigência ideológica, isto é, os fanáticos demonstram uma convicção extrema em suas crenças, tendo como consequência disso uma resistência forte a qualquer outra forma de argumento ou evidência que seja contrária à sua, como se eles tivessem o poder da verdade absoluta, a única verdade.

No contexto dos grupos organizados, especialmente em grandes coletivos como as torcidas organizadas, há um fenômeno peculiar de diluição da identidade individual. Jung ([1957] 2013) destaca que a inserção em uma massa reduz a consciência crítica do indivíduo, tornando-o mais suscetível a agir conforme as emoções e impulsos do grupo, muitas vezes sem questionamento racional. Esse processo pode resultar em uma "possessão

coletiva", na qual os comportamentos individuais passam a ser guiados pelo espírito coletivo da multidão, levando a ações que, isoladamente, o sujeito não realizaria.

Um homem convicto é alguém difícil de mudar. Diga a ele que você discorda e ele vira a cara. Mostre fatos ou números e ele questiona suas fontes. Apele à lógica e ele não consegue entender o argumento. (Festinger; Riecken; Schachter, 1956, apud Moraes, 2020).

Outra característica ligada ao fanatismo, é a possível desumanização do outro que ocorre nessa circunstância, onde os outros que divergem do fanático são considerados por ele muitas vezes menos humanos, moralmente corruptos, como uma forma de justificativa para os tratamentos injustos e violentos direcionados ao oposto.

Segundo Jung ([1957] 2013, § 490): "Uma argumentação racional é apenas possível e profícua quando as emoções provocadas por alguma situação não ultrapassam determinado ponto crítico. Pois quando a temperatura afetiva se eleva para além desse nível, a razão perde sua possibilidade efetiva, surgindo em seu lugar (...) uma espécie de possessão coletiva que, progressivamente, conduz a uma epidemia psíquica."

As torcidas organizadas funcionam, portanto, como espaços de pertencimento e de expressão identitária, onde os indivíduos encontram suporte emocional, sentimento de comunidade, pertencimento e reforço de valores compartilhados. Pimenta (2000, p. 125) destaca que, nesse ambiente, o torcedor deixa de ser um mero espectador e se torna parte fundamental do espetáculo. "Ele não apenas assiste ao jogo, mas vive a experiência de forma intensa, reafirmando sua masculinidade, solidariedade e laços de pertencimento dentro do grupo." No entanto, essa intensa identificação com o

coletivo pode levar a uma fusão psicológica na qual o indivíduo perde sua autonomia em favor das dinâmicas do grupo.

Nesse sentido, a relação entre torcedor e time extrapola a simples apreciação esportiva e se torna uma extensão da própria identidade do sujeito. Bandeira e Ramos (2020) discutem como essa identificação extrema faz com que os acontecimentos envolvendo o time repercutam diretamente no emocional do torcedor, gerando reações intensas que podem se manifestar de maneira violenta. Quando a emoção do grupo é amplificada por cânticos, bandeiras e coreografias coletivas, ocorre uma espécie de contágio emocional que potencializa ações impulsivas, muitas vezes agressivas.

Jung ([1951] 2012) ressalta que, nesse cenário, o sujeito experimenta uma espécie de esvaziamento da individualidade, pois a manutenção da identidade pessoal exige um gasto energético maior do que a simples conformação ao coletivo. Dessa forma, quanto mais intensa for a participação no grupo, menor será a resistência à influência da coletividade, facilitando comportamentos exacerbados.

A rivalidade entre torcidas, potencializada por essa fusão identitária, pode gerar um ambiente propício ao confronto, visto que o outro – a torcida adversária – é percebido não apenas como um oponente esportivo, mas como um inimigo a ser combatido.

Segundo Hoffer (1951), "O fanático é perpetuamente incompleto e inseguro. Ele não consegue se encontrar e, por isso, procura um sentido e um destino se entregando a um movimento, uma causa ou uma figura."

Esse trecho escancara essa relação de identificação por completo, pertencimento dentro do grupo, que pode levar a comportamentos que sozinho o sujeito não teria. Assim como, pode estar relacionado com o contexto socioeconômico, isto é, situações de crise ou de injustiça que acabam fomentando esses sentimentos de raiva e ressentimento, tornando-se uma forma de catalisar essas atitudes fanáticas (Hoffer, 1951).

O fanatismo, portanto, nesse contexto, age como um mecanismo que reforça a intolerância e justifica atos de violência sob a justificativa de proteção ao grupo e à identidade compartilhada. A hostilidade direcionada aos adversários pode ser vista como uma forma de reafirmação do pertencimento, onde a agressão se torna um elemento simbólico de lealdade à torcida. Dessa maneira, a violência não surge apenas como uma reação espontânea, mas como parte de um sistema de valores que rege a dinâmica de determinados coletivos fanáticos (Hoffer, 1951).

Diante desse cenário, torna-se essencial compreender o fenômeno das torcidas organizadas não apenas sob o viés da paixão pelo esporte, mas também como um campo fértil para a manifestação de identidades coletivas que, em determinadas circunstâncias, podem ser levadas ao extremo. O desafio, portanto, está em diferenciar a expressão legítima da identidade torcedora da adoção de comportamentos fanáticos e violentos que colocam em risco a integridade de indivíduos e grupos dentro e fora dos estádios.

4. Violência

Para falar sobre fanatismo das torcidas organizadas, é necessário abordar outro ponto fundamental e estruturante deste trabalho: a violência. Sendo este, um fenômeno que atravessa os mais diversos contextos sociais e históricos, manifestando-se de diferentes formas e intensidades. Esse é um tema que faz parte do cotidiano em todos os continentes do mundo, como se essas manifestações de brutalidade estivessem enraizadas dentro da nossa sociedade.

A violência não se resume apenas a atos físicos de agressão, mas inclui também dinâmicas simbólicas, psicológicas e estruturais que moldam as relações humanas. Assim, mais do que um ato isolado, a violência precisa ser compreendida como um fenômeno multifatorial, complexo e historicamente construído, que se expressa de maneira particular nos ambientes esportivos e, mais especificamente, nas torcidas organizadas (Oliveira, 2004).

Segundo Oliveira (2004), é impossível pensar a violência sem considerar o corpo e a cultura como territórios nos quais ela se inscreve. A autora propõe que as manifestações violentas não são fruto exclusivo de impulsos instintivos ou de desvios de conduta, mas que elas também são sustentadas e reproduzidas por discursos sociais, práticas culturais e estruturas simbólicas que organizam a vida coletiva. Ao articular biologia e cultura, Oliveira(2004, indica que, apesar de a agressividade ter bases em nossos instintos — como defesa, preservação ou mesmo competição —, a violência se configura como um ato aprendido, condicionado por normas sociais e valores que a legitimam ou a condenam. Nesse sentido, a violência praticada por torcedores não pode ser compreendida apenas como explosão emocional ou irracionalidade momentânea, mas como um comportamento alimentado por um imaginário coletivo que valoriza a força, o domínio e a oposição ao outro como formas de afirmação de identidade.

A partir da Psicologia Analítica, é possível pensar que esse comportamento violento está intimamente relacionado com o arquétipo da Sombra. Conforme proposto por Jung[1951]2012), a Sombra representa os aspectos inconscientes e rejeitados da personalidade, frequentemente compostos por impulsos agressivos, instintos reprimidos e conteúdos considerados socialmente inaceitáveis. Quando essa Sombra não é reconhecida e integrada ao consciente, ela tende a se projetar no outro, no “inimigo”, ativando atitudes de ódio, intolerância e destruição. No contexto das torcidas organizadas, a torcida rival muitas vezes encarna essa projeção da Sombra coletiva, tornando-se alvo da hostilidade que, em última instância, expressa conteúdos internos não elaborados pelo grupo.

Oliveira (2004) também nos convida a refletir sobre a violência como uma forma de linguagem, um modo de dizer aquilo que, em muitos casos, não encontra espaço nos discursos oficiais ou nos canais legítimos de expressão. Nesse sentido, a violência das torcidas pode ser compreendida como uma maneira, ainda que distorcida e brutal, de produzir sentido e afirmar presença social em contextos marcados pela desigualdade, pela exclusão e pela

marginalização. Não à toa, muitos dos integrantes das torcidas organizadas pertencem a camadas sociais que vivenciam diariamente situações de violência estrutural e simbólica, o que torna o estádio e o coletivo da torcida um dos poucos espaços possíveis de afirmação e potência subjetiva.

A presença da violência como linguagem simbólica encontra ressonância na noção junguiana de complexos. Os complexos, como núcleos autônomos dentro do inconsciente pessoal, podem ser ativados por situações específicas e conduzir o sujeito a comportamentos que escapam ao seu controle consciente. Nas torcidas organizadas, é comum que certos gatilhos — como provocações, cantos rivais ou derrotas — ativem complexos relacionados à humilhação, inferioridade ou abandono, produzindo reações violentas como forma de restaurar a autoestima do grupo ou do sujeito. Isso também se relaciona com a noção de “possessão coletiva” abordada por Jung ([1957] 2013), na qual o indivíduo, inserido na massa, perde sua capacidade de julgamento e age a partir da emoção coletiva, intensificando comportamentos agressivos que talvez jamais manifestasse sozinho.

Dessa forma, compreender a violência no âmbito das torcidas organizadas exige um olhar interdisciplinar, que articule dimensões individuais, coletivas, sociais e simbólicas. A violência aqui não é apenas resultado de uma rivalidade esportiva, mas um sintoma de algo mais profundo: a dificuldade de elaboração das tensões psíquicas internas, a carência de espaços legítimos de expressão, a necessidade de pertencimento e afirmação, e a presença constante de um outro, rival, no qual se projeta o que não se suporta em si.

5. Dinâmica psíquica na psicologia analítica

A psicologia analítica, que foi desenvolvida por Carl G. Jung, propõe uma compreensão multifacetada da dinâmica psíquica, dando um destaque a ampla complexidade da psique humana. Assim, a psique não é um sistema semelhante e sim uma estrutura composta por diversas camadas diferentes, sendo cada uma delas formadas por suas próprias funções e interações. Será

abordado aqui um breve resumo, apontando componentes importantes para a compreensão aprofundada dessa pesquisa.

A partir disso, na teoria junguiana dispõe-se que a psique humana é composta por três âmbitos principais. Primeiro deles, o consciente, que se refere a parte da mente que contempla os pensamentos e percepções que estão presentes na consciência do indivíduo. São os pensamentos, memórias, percepções que o sujeito possui conhecimento, tem acesso sobre as mesmas. É a área da psique que interage diretamente com o ambiente e com onde ocorrem as tomadas de decisões. Segundo Jung (1928) o ego é um complexo que funciona como centro da consciência, organizando os conteúdos que chegam à consciência.

Outro componente principal é o inconsciente pessoal, que abrange as experiências reprimidas ou esquecidas que acabam se tornando não acessíveis à consciência, mas que apesar disso acabam influenciando os comportamentos e emoções do indivíduo. Jung (1928) acreditava que esse inconsciente é uma fonte de material com um potencial valioso para a autocompreensão.

Por fim, o mesmo traz um conceito chamado de inconsciente coletivo que se refere a uma camada mais profunda, que é compartilhada por toda a humanidade, que contempla arquétipos e símbolos universais. Os arquétipos são padrões universais de comportamentos, imagens e experiências comuns a toda humanidade, independente da cultura ou época que vão emergindo ao longo da história da humanidade e que acabam moldando a experiência humana.

Os arquétipos se manifestam através das imagens arquetípicas que aparecem nos mitos, sonhos, na literatura e na arte, influenciando a maneira como se percebe o mundo e a nós mesmos. Esses arquétipos desempenham um papel importante dentro da dinâmica psíquica. O Self, que representa a totalidade da psique, abrange todo o ser e simboliza o potencial de desenvolvimento e a interação do indivíduo. É o organizador psíquico. O Self é o objetivo central do processo de individuação, é visto como uma meta, embora nunca possa ser realizado totalmente. O Self é o arquétipo central da psique e abrange todo o seu funcionamento.

Existe também um conceito chamado de Sombra, que se refere como a parte oculta e reprimida da psique humana, composta por aspectos indesejados, impulsos instintivos e características negadas ou ignoradas pela consciência. Esses aspectos podem incluir emoções como raiva, inveja, violência e outros sentimentos considerados socialmente inaceitáveis ou moralmente reprováveis. Jung (1951) argumentava que ignorar ou reprimir a sombra podia levar a uma série de problemas psicológicos e sociais, e que a integração desses elementos sombrios era crucial para o desenvolvimento pessoal e coletivo, pois permite a reconciliação de partes não reconhecidas do eu que potencialmente podem ser transformadas.

Portanto, assim como o arquétipo está ligado diretamente ao inconsciente coletivo, os complexos correspondem ao inconsciente pessoal da psique humana. Os complexos são grupos de pensamentos e emoções que são organizados a partir de temas centrais, que majoritariamente estão ligados a experiências pessoais significativas. Se formam a partir de vivências emocionais internas. São formados através de vivências emocionais intensas, especialmente no período da infância, e tendem a influenciar o comportamento e a percepção na maioria das vezes de forma inconsciente. Em todo complexo há um núcleo arquetípico.

6. Objetivos

6.1 Objetivo geral

Analisar a relação do fanatismo dentro das torcidas organizadas e uma conexão entre o fanatismo e violência nas torcidas organizadas.

6.2 Objetivo específico

Observar qual a relação do fanatismo das torcidas organizadas utilizando um enfoque nas três maiores do estado de São Paulo, sendo Mancha Verde, Gaviões da Fiel e Independente, com a violência dentro e fora dos estádios, a partir de uma análise dos comportamentos extremos destas torcidas entre si atribuindo a reflexões embasadas a conceitos teóricos Junguianos.

7. Metodologia

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, incluindo a justificativa das escolhas metodológicas, o delineamento do estudo, os métodos de coleta e análise de dados, e os critérios para seleção da amostra. A metodologia é fundamental para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados, sendo assim, essencial para assegurar que os objetivos deste estudo sejam alcançados de maneira precisa e fundamentada.

Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica a partir dos conceitos da Psicologia Analítica, como símbolo, arquétipos, sombra, consciência, inconsciente pessoal e coletivo baseados nas obras escritas por Carl Gustav Jung e em produções que abarcam a abordagem junguiana. Porém, foi relevante para a revisão bibliográfica produções que tratassem de temas atinentes ao fanatismo, torcida organizada, violência e torcida de futebol, mas que não necessariamente fossem fundamentados pela teoria junguiana.

As buscas para tal levantamento foram realizadas na plataforma google acadêmico, artigos em sites de repositórios acadêmicos-científicos, como Scielo, IBICT e Pepsie, assim como tiveram buscas em revistas antigas e jornais.

A pesquisa será qualitativa no sentido de observar as subjetividades consideradas pelos relatos dos entrevistados.

7.1 Participantes

A escolha dos participantes foram três homens que se autodeclararam fanáticos, sendo, cada uma delas de um dos três times escolhidos para abordar, ou seja, um corinthiano, um palmeirense e um são paulino.

7.1.1 Critérios de Inclusão

Os participantes desta pesquisa são torcedores que se consideram fanáticos, e fazem parte de alguma das torcidas organizadas de seus respectivos times de futebol e residem na cidade de São Paulo.

7.2 Local de coleta de dados

Os dados foram coletados de forma online, conforme a disponibilidade dos participantes. Inicialmente o encontro proposto era presencial, marcado em um lugar de preferência do sujeito ou on line pela plataforma zoom e ao serem feitas as entrevistas as mesmas seriam armazenadas em pastas do computador da pesquisadora, que após transcrever as respostas, excluiria os dados da gravação para evitar qualquer possibilidade de vazamento de dados.

7.3 Instrumentos

A pesquisadora tinha como proposta uma entrevista semi-dirigida e individual com cada participante, cujo roteiro está no apêndice. Por terem alegado falta de tempo, a pesquisadora enviou as perguntas da entrevista e os mesmos responderam por escrito pelo “google forms”, além de enviarem o TCLE para que pudessem assinar também.

7.4 Procedimento

Na impossibilidade de ser realizada uma entrevista com cada um dos participantes, por alegarem falta de tempo e preferirem responder de forma escrita, as perguntas da entrevista foram enviadas por escrito seguindo o roteiro de um questionário original que serviria de roteiro para as entrevistas (Apêndice 1). Os participantes responderam as perguntas e enviaram à pesquisadora, o que resultou em um material composto por três experiências em torcidas diferentes. Em seguida da coleta dessas respostas, foi realizada

uma leitura comparativa entre os dados coletados e a partir disso, feita uma divisão de conteúdos que mais estiveram presentes e destacaram-se pela relevância, no que refere-se às respostas dos participantes. A partir disso, foi feita uma análise e discussão a fim de responder os objetivos desta pesquisa, tendo como referência além dos dados coletados, os capítulos teóricos com pesquisas e estudos sobre violência, fanatismo e conceitos da psicologia analítica.

7.5 Cuidados Éticos

Os requeridos cuidados éticos foram seguidos, de acordo com as determinações da resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, complementada pela resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS). Assim como, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi apresentado aos participantes junto do envio do questionário, após serem inviabilizadas as entrevistas pelos 3 participantes por não conseguirem agenda para entrevista com a pesquisadora de forma virtual ou presencial e sentiram-se mais confortáveis em enviar por escrito. Após a assinatura do termo (TCLE), foram então enviadas as perguntas para serem respondidas. O modelo do TCLE está disponível no apêndice B.

O projeto de pesquisa foi subordinado à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio da inserção na Plataforma Brasil. Após ser validado e autorizado, sob nº 6.543.985, a pesquisadora prosseguiu com a coleta de dados. Os participantes foram alertados que não precisavam responder as perguntas que não se sentissem à vontade ou julgassem invasivas e mobilizadoras.

8. Resultados

Foram coletadas as respostas dos questionários dos 3 participantes da pesquisa, sendo suas identidades não identificadas por questões éticas já abordadas no procedimento metodológico dessa pesquisa.

O participante 1, se refere ao torcedor da torcida “Mancha Alvi Verde”. O participante 2, se refere ao torcedor da torcida “Independente” e o participante 3, se refere ao torcedor da torcida “Gaviões da Fiel”.

Abaixo seguem as respostas dadas para as perguntas realizadas através do questionário enviado.

1- Qual a sua idade?

Participante 1: 26 anos.

Participante 2: 28 anos.

Participante 3: 19 anos.

2- Qual o seu gênero?

Todos responderam masculino.

3- Você é membro de qual torcida organizada?

Participante 1: Mancha verde

Participante 2: Independente

Participante 3: Gaviões da Fiel

4- Como começou sua paixão pelo futebol?

Participante 1: “Desde quando eu nasci, meu pai era muito fanático por futebol então desde criança me levava pra jogos com ele.”

Participante 2: “Minha paixão pelo futebol surgiu na infância, minha família sempre foi muito ligada ao futebol em vários quesitos.”

Participante 3: “Não posso dizer ao certo quando começou, desde que comecei a criar memórias mais marcantes com 4/5 anos eu já era apaixonado por futebol e pelo corinthians.”

5- O que te motivou a entrar para uma torcida organizada?

Participante 1: “As festas na arquibancada, meus irmãos mais velhos também foram da Mancha, então era algo que também queria ser, quando você começa a viver o clube você acaba se apegando a uma torcida organizada, e você escolhe qual faz mais seu tipo de torcer.”

Participante 2: “Minha motivação foi o ideal que a torcida pregava, em força de revolução ideais pregados e formas de expressar nosso amor pelo clube.”

Participante 3: “meu pai sempre foi um cara muito influente dentro da torcida, sempre estive à frente de vários assuntos e como eu o acompanhava, sempre estive envolvido também.”

6- Com que frequência você participa de eventos e jogos de sua torcida organizada?

Participante 1: “Praticamente todos os dias, sempre tem algo pra fazer na torcida, principalmente mosaico que leva dias para ser terminado, reuniões etc a torcida acaba virando sua segunda casa e pra muitas outras pessoas a primeira casa.”

Participante 2: “Hoje em dia já não com a mesma frequência, mas durante um bom tempo me via muito presente tanto nos jogos quanto nos eventos paralelos da torcida.”

Participante 3: “toda semana.”

7- Você já presenciou episódios de violência da sua organizada com outra? Se sim, como descreveria esses eventos?

Participante 1: “Por incrível que pareça nunca presenciei brigas com outras torcidas não apenas contra a polícia militar que por diversas vezes provoca situação para ter tumulto e corre e corre.”

Participante 2: “Sim, graças a Deus não foram muitos que tiveram a minha presença mais o último foi na final da copa do Brasil na final contra o Flamengo onde houve confronto com a Polícia Militar, onde ocorreu até óbito após o acontecimento, e descrevendo é um momento onde tudo que era festa se torna um cenário de guerra literalmente onde todos acabaram saindo prejudicados e muitas vezes feridos.”

Participante 3: “Sim, infelizmente é muito difícil de descrever tanto como ocorrem, quanto o que sentimos nesse momento. Um exemplo que chegou a ser noticiado na televisão, foi quando estávamos em Carapicuíba, com cerca de 500/600 pessoas, às 10h para um clássico que aconteceria naquela tarde, saímos do pde(ponto de encontro) e fomos marchando até a estação General Miguel Costa, quando estávamos passando por debaixo do rodoanel Mario Covas, paramos para tirar uma foto, e um rapaz subiu na rodovia, e percebeu uma movimentação estranha em cima da ponte, era um grupo de outros torcedores que estavam em 2 motos e em 2 carros, esperando apenas a gente passar para jogar uma bomba caseira em cima de nós. E nesse mesmo dia, pós jogo, alguns outros torcedores em uma determinada estação, estavam escondidos jogando bombas para dentro do vagão onde nos encontrávamos. E esse é apenas um dia majestoso.”

8- Na sua opinião, quais são os principais fatores que contribuem para comportamentos violentos nas torcidas organizadas?

Participante 1: “Torcida é um reflexo da sociedade, vivemos numa sociedade violenta e problemática as torcidas organizadas seguem os mesmo padrão, tudo de bom que existe na sociedade vai ter na torcida e tudo de ruim que existe tbm vai existir nas torcidas. É uma cobrança constante, sempre uma cobrança de uma briga anterior ou uma briga antiga , digamos que um revide.”

Participante 2: “O principal fator é o fanatismo ao clube, onde os valores racionais são deixados de lado e o lado primitivo fala mais alto.”

Participante 3: “com sinceridade no começo era algo mais esportivo e cultural, podemos ver vários exemplos na europa, principalmente no leste europeu, no resto da américa do Sul, onde o futebol tem uma relevância absurda, existem grupos de torcedores rivais, que além do time também tem uma diversidade ideológica, religiosa, e muitas vezes essas diversidades são “resolvidas” através do ESPORTE de luta. Porém no Brasil as coisas saíram do controle e tomaram outro rumo.”

9- Como você define o “Fanatismo” dentro de uma torcida organizada? Quais são os comportamentos ou atitudes que o caracterizam?

Participante 1: “A grande maioria dos integrantes tem muitos problemas familiares e então a torcida acaba virando a família dele, então ele mata e morre pela torcida e pelo clube também pq é a única coisa que ele tem. É paixão , dedicação, disciplina e respeito acima de tudo!”

Participante 2: “É paixão e ele pode ser visto de várias formas, como acompanhar o time independente da distância, em forma de tatuagem, vestimenta e principalmente nos ideais que a torcida defende.”

Participante 3: “Creio eu que o fanatismo começa quando a gente coloca como prioridade na nossa vida o nosso time, por exemplo, em muitos anos da minha vida, chegava o domingo de dias das mães, dia dos pais, Páscoa e o feriado era segundo plano, em primeiro lugar, a programação principal do dia, era o jogo do corinthians, ou o protesto que terá no CT, ou o churrasco que terá na sede e etc independentemente se minha mãe estará junto, se meu pai irá comigo. Esse é um dos maiores fatores que na minha concepção define o fanatismo na torcida.”

10- Como você se sente em relação aos rivais de outras torcidas?

Participante 1: “Um alvo, do mesmo jeito que odeio eles, eles também me odeiam então tenho que ficar 24h em alerta para não acabar apanhando na rua”

Participante 2: “Eu no meu individual vejo de uma maneira bem saudável pois tenho amizades em todas as torcidas dos rivais da capital e estados, mais claro que sempre tem aquela discussão e brincadeiras mais sempre de forma saudável e nunca de forma violenta.”

Participante 3: “uma pergunta complexa, pois eu e creio que pelo menos uns 80% dos integrantes de torcida organizadas acreditamos que no nosso dia a dia, somos pessoas normais, como todas as outras, como exemplo eu trabalho na região do morumbi e estudo na barra funda, frequentemente vejo pessoas com roupa de outras torcidas organizadas rivais, estando ou não fardado, e não é por isso que toda vez que vejo alguém eu vou querer entrar em conflito e vice-versa, pois estamos vivendo nossas vidas normalmente. E ao mesmo tempo, chega um momento da sua vida que você se vê tão envolvido, que sente um alvo nas próprias costas, pensa que todos vão te conhecer, passa a viver em um certo estado de alerta, achando que está sendo observado ou que alguém pode te reconhecer, tanto estando “apaissana” ou principalmente estando fardado”

11- Quais valores ou normas (explícitas ou implícitas) são cultivados dentro da sua torcida? De que forma eles influenciam o comportamento dos membros?

Participante 1: “Somos unidos um por todos e todos por um, portanto o que cultivamos é a amizade e o respeito. Mas a torcida é um reflexo da sociedade, machista e violenta.”

Participante 2: “São valores de conduta e vestimenta, onde ou é respeitado ou é hostilizado”

Participante 3: “Na minha torcida principalmente, devido a coloração da principal rival, creio que a primeira e principal regra que (no meu caso) acaba sendo implícito no dia a dia, mas para quem frequenta a quadra/sede da

torcida sabe que é algo explícito é a proibição de usar verde, desde que criança, nunca tive peças de roupas verdes no meu guarda roupa. Dentro do estádio, nas confraternizações e etc. é uma regra explícita, muitas vezes inclusive com placas “PROIBIDO ENTRADA DE ROUPA VERDE”, porém no meu dia a dia, trabalhar, estudar, eu posso usar verde, entretanto e eu opto por não usar, pois realmente não gosto, não me agrada. Outros dois exemplos são: A regra explícita e escrita na quadra/sede da minha torcida é “proibido entrada de roupa verde” e uma implícita é que não podemos pintar o cabelo, por exemplo fazer luzes, platinar e etc. Lembrando a maioria dessas regras, se aplicam aos homens, ainda sim são regras arcaicas? sim, “antiquadas” ? Sim, porém infelizmente é a regra da torcida e como eu sempre digo para quem acha um absurdo, a torcida organizada é para quem quer de verdade e quando você realmente quer fazer parte de algo, você tem que se submeter às regras daquela instituição. Creio que existem muitos membros da torcida quem tem pensamento mais pra frente e também ache algumas regras antiquadas, porém devemos respeitar se quisermos fazer parte.”

12- Você já se sentiu emocionalmente impulsionado a participar de comportamentos agressivos ou violentos durante um evento esportivo? Se sim, o que você acredita que tenha desencadeado isso?

Participante 1: “Já sim, no futebol a única lei que existe é a Lei do mais forte então você sempre tem que agir com brutalidade para as pessoas te respeitarem”.

Participante 2: “Sim, muito pelo fator da energia ali que cerca o ambiente das torcidas organizadas e pelo comprometimento que você tem com a instituição”.

Participante 3: “não, nunca me ocorreu de ser impulsionado à violência”.

13- Existe uma pressão explícita ou implícita dentro das torcidas para exibir comportamentos agressivos ou de intimidação? Se sim, como isso acontece?

Participante 1: “Torcida é pra fazer festa mas também é briga, isso é uma cultura das torcidas no mundo inteiro, então existe uma pressão enorme em mostrar para as outras torcida que a sua é a mais forte é a mais violenta, isso é um título pra nós”.

Participante 2: “Não, nenhum tipo de comportamento agressivo é ditado por ninguém, mas acaba se tornando consequência do ambiente que você tá no momento ali.”

Participante 3: “Dentro da torcida organizada, é importante saber que em alguns momentos, realmente podemos presenciar momentos de “agressividade” vendo brigas, se envolvendo em confrontos, tanto internamente e principalmente externamente, porém de forma alguma existe uma pressão para que esse comportamento seja exercido, existe claro de forma explícita a necessidade da auto defesa, principalmente em ambientes considerados hostis, porém isso é apenas para segurança individual e do grupo, aonde quer que estivermos. A “intimidação” se assim podemos dizer né, acaba se voltando mais para algo hierárquico, fazer “medo” em novos integrantes, respeitar os mais antigos e etc. Coisas que existem em qualquer organização”

Não existe uma pressão, só que se estamos correndo juntos nós temos que ficar juntos até o fim

14- Você considera que há uma influência do contexto social ou econômico na propensão à violência dentro das torcidas? Explique como.

Participante 1: “Como já falei a torcida é um reflexo da sociedade, vivemos em um mundo problemático onde tem algumas pessoas que usam as torcidas pra poder sair na mão para se desestressar na vida corrida que tem.”

Participante 2: “Claro, devido ao modernismo no futebol hoje em dia, valores cada vez mais altos em ingressos e caravanas tudo isso acaba implicando na revolta social onde o torcedor se vê prejudicado e seu lugar ocupado por uma classe social que geralmente apoia o time em alguns momentos.”

Participante 3: “com certeza o contexto social e econômico propicia de muita influência na vida de todos, além da torcida organizada, porém creio que não seja diretamente, pois não é simples ser torcedor de torcida organizada, realmente é necessário uma disposição financeira, então não creio que seja algo que influencie diretamente.” .

15- Como você percebe o papel de liderança dentro das organizadas? Existe uma influência direta da liderança sobre o comportamento dos membros?

Participante 1: “Existe sim, é um líder , ele que define o que vamos ou não fazer. Apesar de a grande maioria dos membros acabarem tendo atitudes contrárias ao que a liderança passou, mas tem sim uma grande influência, as torcidas principalmente de SP hj ganham mais dinheiro então a liderança hoje está mais preocupada com a parte financeira do que na parte de brigas.”

Participante 2: “Eu vejo que a torcida é um reflexo dos que lideram ela, hoje me vejo muito distante por conta disso, não compactuar mais com os ideais e comportamentos pregados pela liderança da torcida.”

Participante 3: “A liderança dentro das torcidas organizadas exerce um papel central e tem influência direta sobre o comportamento dos membros. Os líderes são responsáveis por organizar as atividades do grupo, mobilizar torcedores e estabelecer normas de conduta, tanto explícitas quanto implícitas. Seu discurso e postura servem como referência, podendo incentivar atitudes pacíficas ou comportamentos agressivos, dependendo da linha adotada. Além disso, atuam como mediadores de conflitos e representam uma figura de autoridade e prestígio, o que reforça sua capacidade de direcionar a cultura interna da torcida.”

16- Você acredita que daqui uns anos a cidade de São Paulo voltará a ter duas torcidas organizadas no estádio?

Participante 1: “Acho difícil pq não é de interesse do ministério público e dos clubes a volta das duas torcidas.”

Participante 2: “Gostaria muito, mas acho que não.”

Participante 3: “Isso é um assunto que na minha visão é muito amplo, pois a violência da torcida, não irá acabar, pensando nesse ponto de vista, a tendência é além de não voltar em SP, passar a proibir em outros estados. Pensando de outra forma, a violência muitas vezes ocorre com data, hora e local marcado e não mais a cerca dos estádios e podemos ver isso em todo o Brasil. Na minha concepção, infelizmente, não teremos mais a torcida dividida no estado de SP e logo mais em nenhum lugar do Brasil, uma pena devido à linda festa que nós víamos antigamente, porém é uma medida “protetiva” do estado, logo devemos apenas acatar.”

9. Discussão

A infância, os vínculos familiares e o despertar do amor ao clube

A partir das questões 4, 5 e 6, pode-se analisar a influência da infância e dos vínculos familiares no despertar do amor pelo futebol e na filiação às torcidas organizadas. Todos os participantes relataram que a paixão pelo time surgiu ainda na infância, em meio ao convívio familiar. O participante 1, por exemplo, destaca: “Desde quando eu nasci, meu pai era muito fanático por futebol, então desde criança me levava para jogos com ele”. O participante 2 afirma que “minha família sempre esteve muito ligada ao futebol em vários quesitos”, enquanto o participante 3 traz à tona memórias marcantes desde os quatro, cinco anos de idade, mostrando como o futebol, no Brasil, é um legado cultural e afetivo transmitido de geração em geração.

Essa influência precoce, especialmente da figura paterna, parece ser determinante para que a paixão pelo clube se instale de forma profunda e, muitas vezes, incontestável. Jung ([1957] 2013) compreende que as identificações formativas da infância atuam como núcleos do inconsciente

peçoal e moldam estruturas emocionais que acompanham o sujeito ao longo da vida. Assim, o amor ao clube nasce não apenas como um gosto, mas como parte de uma história afetiva que se confunde com a história pessoal. Esse enraizamento simbólico liga-se aos complexos formados desde a infância, que atuam como núcleos emocionais de extrema força psíquica, capazes de determinar escolhas, comportamentos e percepções futuras.

O ingresso nas torcidas organizadas, relatado nas respostas à questão 5, também se mostra como uma extensão desse laço familiar e afetivo. O participante 1 exemplifica isso ao dizer: “meus irmãos mais velhos também foram da Mancha, então era algo que também queria ser”. A torcida, nesse sentido, deixa de ser apenas uma instituição de apoio ao clube para se tornar um espaço de identificação pessoal e afetiva – quase uma herança emocional. Para o participante 3, a ligação com a torcida surge de forma quase natural: “meu pai sempre foi muito influente dentro da torcida, sempre estive à frente de vários assuntos, e como eu o acompanhava, sempre estive envolvido também”. Essa fala revela o que Jung ([1957] 2013) chamou de “transmissão psíquica”, onde a energia arquetípica e simbólica é herdada e assimilada no ambiente familiar, atuando como fundamento inconsciente de pertencimento.

A força simbólica desses vínculos de infância se manifesta com ainda mais intensidade nas respostas à questão 6. O participante 1 revela: “a torcida acaba virando sua segunda casa e para muitas pessoas a primeira casa”. Essa afirmação carrega um sentido simbólico profundo, indicando que, para muitos, a torcida não é apenas lazer ou distração, mas um verdadeiro lugar de existência e pertencimento psíquico. A rotina passa a girar em torno das atividades da torcida, como destaca o participante: “mosaico que leva dias para ser terminado, reuniões etc”. O sujeito se reorganiza em função da torcida, criando um cotidiano marcado por valores, normas e rituais compartilhados.

Essa intensidade de pertencimento remete diretamente ao conceito de complexo, como define Jung ([1957] 2013): são núcleos psíquicos autônomos que atuam de forma compulsiva, moldando as escolhas e reações do indivíduo. Quando essa vivência se ancora em laços familiares e afetivos desde cedo, o

complexo se enraíza, tornando-se ainda mais poderoso. A torcida ocupa, assim, o lugar de um complexo autônomo, que atua inconscientemente e que vai além da simples escolha de um time – passa a constituir a própria identidade do sujeito.

Além disso, essa fusão entre o eu e o coletivo evidencia o fenômeno que Jung ([1957] 2013) descreve como possessão coletiva: quando o sujeito deixa de atuar como indivíduo e passa a se confundir com o inconsciente coletivo do grupo. A energia emocional da infância se transfere para o coletivo da torcida, transformando a paixão em devoção e a identificação em destino.

Portanto, o que se observa nos relatos dos participantes é a manifestação de uma identificação simbólica que ultrapassa os limites do esporte e se inscreve na constituição da subjetividade. O futebol, nesse contexto, não é apenas um jogo: é uma forma de existir e de se organizar no mundo, transmitida desde a infância como um legado de pertencimento, amor e, para alguns, de sobrevivência psíquica.

A torcida organizada como segunda casa e espaço de pertencimento simbólico

As respostas dos participantes destacam que a torcida organizada se configura como um espaço que transcende o simples ato de torcer para o clube. Ela ocupa, para muitos, o lugar de uma segunda casa – ou até mesmo a primeira. O participante 1 afirma que “a torcida acaba virando sua segunda casa e para muitas outras pessoas a primeira casa”. Essa afirmação revela que a torcida passa a funcionar como um espaço de acolhimento e pertencimento, suprimindo lacunas emocionais e sociais que, por vezes, não encontram espaço em outras dimensões da vida do indivíduo.

Essa identificação intensa com o grupo remete ao conceito de possessão coletiva, formulado por Jung ([1957] 2013). Nessa perspectiva, o sujeito deixa de ser apenas um indivíduo e passa a agir e sentir a partir do inconsciente coletivo do grupo. A energia da massa toma conta, e o eu individual é engolido pela emoção coletiva, o que faz com que o pertencimento ao grupo se torne

uma experiência totalizante. Essa fusão psíquica é potencializada pelas normas, rituais e símbolos presentes no cotidiano das torcidas – como revela o participante 1, que menciona as atividades constantes e a rotina estruturada em torno da torcida.

O ambiente da torcida organizada, com seus rituais de união, cantos e símbolos, funciona como um campo onde o indivíduo encontra a sensação de pertencimento e de completude, como descreve Pimenta (2000). A torcida é vivida como extensão da identidade: não se trata apenas de “estar” na torcida, mas de “ser” parte dela. Essa sensação de completude e de força do coletivo age como um contrapeso às inseguranças e incertezas individuais, criando um espaço de contenção emocional e psíquica.

Contudo, essa entrega ao grupo implica também a perda parcial da autonomia pessoal. O sujeito se molda às normas explícitas e implícitas da torcida para manter seu lugar de pertencimento, como revela o participante 3 ao relatar a proibição do uso de roupas verdes, mesmo fora do estádio. Ele afirma: “nunca tive peças de roupas verdes no meu guarda roupa. [...] e eu opto por não usar, pois realmente não gosto, não me agrada.” Essa escolha, que ultrapassa a exigência explícita da torcida e se torna uma regra interiorizada, demonstra como o indivíduo internaliza a lógica do grupo e a reproduz de maneira automática, mesmo quando poderia escolher diferente.

Esse processo de identificação simbólica, que estrutura o pertencimento ao grupo, ecoa o conceito de complexo coletivo (Jung [1957] 2013). As normas e valores do grupo passam a ser vividos como verdade absoluta, moldando as percepções e as decisões do indivíduo. O pertencimento exige sacrifícios simbólicos, como a renúncia a cores, comportamentos e hábitos que destoem do ideal coletivo. Essa dimensão simbólica, que opera no nível inconsciente, confere à torcida organizada uma força emocional comparável à de uma comunidade familiar ou religiosa.

O relato do participante 3 sobre o uso de roupas verdes ilustra bem essa dimensão simbólica. A cor verde, nesse contexto, não é apenas uma cor: é o

símbolo do rival, do outro que precisa ser negado para que a própria identidade seja reafirmada. Como destaca Jung ([1951] 2012), os símbolos têm o poder de organizar e direcionar a psique, criando uma ponte entre o inconsciente e a vida concreta. A cor, o canto, o gesto coletivo – tudo isso adquire o valor de um ritual de pertencimento e de reafirmação de identidade.

Portanto, a torcida organizada, para além de seu caráter festivo e de apoio ao clube, constitui um espaço simbólico onde o indivíduo encontra acolhimento, pertencimento e sentido para sua existência. Ao mesmo tempo, essa entrega ao coletivo pode implicar a perda da autonomia individual, pois a força do inconsciente coletivo é muitas vezes vivida como inquestionável, moldando comportamentos, percepções e até as escolhas mais íntimas do sujeito. Esse jogo entre pertencimento e obediência é o que confere à torcida organizada um poder simbólico tão intenso – e, por vezes, tão perigoso.

A violência e a normatização da agressividade

As respostas dos participantes às questões 7 e 8 evidenciam que a violência faz parte do cotidiano das torcidas organizadas, muitas vezes sendo tratada como algo esperado, normalizado e, em alguns casos, exaltado. Os relatos mostram que os episódios de violência não são exceções, mas elementos constitutivos da experiência torcedora. O participante 1 destaca: “Torcida é pra fazer festa mas também é briga, isso é uma cultura das torcidas no mundo inteiro, então existe uma pressão enorme em mostrar para as outras torcidas que a sua é a mais forte e a mais violenta, isso é um título pra nós”. Essa fala revela como a violência, nesse contexto, é compreendida como uma forma de prestígio, uma maneira de obter respeito e reafirmar a identidade do grupo.

Essa normalização da violência pode ser compreendida a partir do conceito de Sombra, desenvolvido por Jung ([1951] 2012). A Sombra representa os aspectos inconscientes, muitas vezes reprimidos, que são socialmente inaceitáveis – como impulsos agressivos, sentimentos de humilhação e conteúdos violentos. Quando essa Sombra não é integrada ao consciente, ela tende a ser projetada no outro. No caso das torcidas organizadas, a torcida

rival torna-se o alvo dessa projeção: o “inimigo” no qual são depositados os aspectos mais sombrios do grupo.

O participante 1 reforça essa projeção ao dizer que precisa ficar “24h em alerta para não acabar apanhando na rua”, evidenciando como a violência transcende os estádios e se infiltra na vida cotidiana. Essa sensação de estar sempre sob ameaça cria um estado de hipervigilância constante, um funcionamento psíquico que Jung ([1957] 2013) chama de possessão psíquica – quando o ego do indivíduo é tomado por uma emoção coletiva tão intensa que a razão cede lugar ao impulso.

A violência, nesse sentido, não surge como uma reação isolada ou fruto de indivíduos “problemáticos”, mas como expressão de um complexo coletivo que estrutura a vivência torcedora. Os complexos, como núcleos autônomos do inconsciente pessoal e coletivo, podem ser ativados por situações específicas – como provocações de rivais ou derrotas dolorosas – e conduzir o sujeito a comportamentos que escapam ao seu controle consciente. Isso fica evidente na fala do participante 2, que relaciona a violência ao “lado primitivo que fala mais alto” quando o fanatismo toma conta. Jung ([1957] 2013) destaca que, nesse ponto, a energia do coletivo suprime o julgamento individual, criando um ambiente propício para o surgimento de comportamentos agressivos.

Além disso, a violência nas torcidas organizadas carrega um sentido simbólico, funcionando como uma linguagem de afirmação e resistência, como discute Oliveira (2004). Ela não é apenas um ato impulsivo, mas uma forma de “falar” em um contexto onde outras formas de expressão e pertencimento são escassas. Para muitos integrantes, a violência se torna uma forma de existir, de ser reconhecido e de conquistar respeito em um ambiente social que, muitas vezes, os marginaliza. O participante 1, por exemplo, observa que “a torcida é um reflexo da sociedade”, indicando que a violência da torcida não é apenas “interna”, mas um reflexo da violência estrutural que atravessa a sociedade brasileira.

Essa violência simbólica se intensifica na medida em que a torcida organizada se apresenta como um espaço de compensação para frustrações sociais e econômicas, como destaca o participante 2: “o principal fator é o fanatismo ao clube, onde os valores racionais são deixados de lado e o lado primitivo fala mais alto”. A energia da massa – potencializada pelos cantos, gestos e símbolos – se converte em violência contra o outro, que representa tudo aquilo que o grupo quer rejeitar ou combater.

Jung ([1957] 2013) compreende que, em estados de possessão coletiva, a violência deixa de ser apenas um ato físico e passa a ser um meio de proteger e reafirmar a identidade coletiva. A torcida, nesse contexto, funciona como um símbolo vivo que organiza afetos intensos e, muitas vezes, inconscientes. O outro, o rival, encarna a Sombra coletiva que precisa ser eliminada para que o grupo reforce seus próprios laços de pertencimento e poder.

Portanto, a violência nas torcidas organizadas não pode ser vista como um desvio ou uma anomalia. Ela faz parte de um sistema simbólico que estrutura o pertencimento e a identidade dos sujeitos. Como observa o participante 3, a violência “não é algo simples, pois existe uma disposição financeira e uma dedicação” – mostrando que ela não é apenas um ato de impulso, mas também um investimento emocional e social. A violência, assim, se torna um elemento essencial na construção da identidade coletiva e na manutenção do grupo como um espaço simbólico de poder, pertencimento e expressão.

O fanatismo e a projeção da Sombra no rival

As respostas à questão 9 aprofundam a compreensão do que significa o fanatismo para os participantes. Elas revelam que, dentro das torcidas organizadas, o fanatismo não é apenas a paixão exacerbada, mas uma forma de existir, de se ancorar no mundo. O participante 1 afirma: “a grande maioria dos integrantes tem muitos problemas familiares e então a torcida acaba virando a família dele, então ele mata e morre pela torcida e pelo clube porque é a única coisa que ele tem”. Essa fala expressa uma dimensão existencial do

fanatismo – ele surge como um substituto simbólico para as faltas e carências emocionais, preenchendo um vazio psíquico que ultrapassa o campo esportivo.

Essa identificação totalizante com a torcida é compreendida, na Psicologia Analítica, como uma dissolução do ego individual em um complexo coletivo. Jung ([1957] 2013) afirma que o sujeito fanático deixa de existir como indivíduo e passa a se perceber como parte do grupo – é um processo de fusão identitária que apaga as ambivalências e as contradições internas. O fanático, nesse estado, encontra no grupo o sentido que falta em sua vida pessoal. Isso se manifesta claramente na fala do participante 3: “o fanatismo começa quando a gente coloca como prioridade na nossa vida o nosso time, por exemplo, em muitos anos da minha vida, chegava o domingo de dias das mães, dia dos pais, Páscoa e o feriado era segundo plano, em primeiro lugar o jogo do Corinthians”. Essa escolha de subordinar tudo à torcida revela a força simbólica que ela exerce sobre a vida dos seus integrantes.

O fanatismo, nesse contexto, opera como um mecanismo de defesa contra a fragmentação do self. Jung ([1951] 2012) argumenta que a energia psíquica do fanático é mobilizada para conter dúvidas, inseguranças e medos internos. Isso ocorre através da identificação radical com o grupo, que fornece uma estrutura simbólica estável onde o sujeito pode “esquecer” suas próprias ambivalências. O grupo oferece um “espelho” que reforça quem ele é e o que deve sentir, agir e pensar.

Essa dinâmica psíquica do fanatismo implica, também, a projeção da própria Sombra no outro – no caso, o rival. Quando o indivíduo não consegue reconhecer e integrar seus próprios conteúdos sombrios – como a agressividade, o medo de fracassar ou a insegurança – ele os projeta no inimigo externo. O participante 1 expressa isso ao afirmar que o rival é “um alvo, do mesmo jeito que odeio eles, eles também me odeiam, então tenho que ficar 24h em alerta”. Essa vigilância constante é o sintoma de uma guerra psíquica que se projeta no mundo exterior.

A projeção da Sombra cria um “nós contra eles” que ultrapassa a rivalidade esportiva e assume um caráter existencial. Como aponta Jung ([1957] 2013), quando a temperatura afetiva ultrapassa um certo ponto crítico, a razão cede lugar ao impulso coletivo. Nesse estado de possessão emocional, o ódio ao outro não é apenas reativo – é vivido como defesa da própria identidade, como se o rival representasse tudo aquilo que ameaça o grupo e, portanto, a própria existência do indivíduo.

Essa lógica simbólica também se manifesta na maneira como os participantes descrevem a hostilidade e as normas do grupo. O participante 3, por exemplo, fala sobre a proibição de usar roupas verdes – uma cor que representa o outro, o inimigo. Essa proibição vai além da prática esportiva; ela revela uma forma de controle simbólico e de separação identitária. Como destaca Jung ([1957] 2013), os símbolos têm o poder de criar fronteiras invisíveis que demarcam quem pertence e quem deve ser excluído. Essa cor, então, vira um marcador simbólico de lealdade e de negação do rival.

Portanto, o fanatismo nas torcidas organizadas não pode ser compreendido apenas como exagero ou desvio de conduta. Ele emerge como uma forma de pertencimento simbólico e psíquico, que oferece ao sujeito um sentido de vida e um lugar no mundo – ainda que esse lugar exija, como preço, a renúncia à autonomia individual e a aceitação inquestionável dos valores coletivos. O fanatismo, assim, se estrutura como uma forma de proteção psíquica, mas também como um risco constante, pois ao projetar no rival tudo aquilo que não se aceita em si mesmo, o sujeito alimenta a lógica da violência e da exclusão.

Liderança, hierarquia e reprodução de violência e hostilidade

As respostas às questões 11, 13 e 15 revelam a importância central da liderança e da hierarquia dentro das torcidas organizadas. Elas não são apenas grupos informais de pessoas apaixonadas por um time, mas estruturas complexas e organizadas, onde a figura do líder exerce papel fundamental na condução e legitimação das condutas dos membros.

O participante 3 reconhece que “a liderança dentro das torcidas organizadas exerce um papel central e tem influência direta sobre o comportamento dos membros”. [...] Seu discurso e postura servem como referência, podendo incentivar atitudes pacíficas ou comportamentos agressivos, dependendo da linha adotada”. Essa fala ilustra a dimensão simbólica do líder como “porta-voz” do inconsciente coletivo do grupo, como se fosse o centro organizador dos afetos e impulsos que circulam entre os integrantes.

Jung ([1957] 2013) aponta que, em coletivos altamente emocionalizados, como as torcidas organizadas, a figura do líder se transforma em um arquétipo vivo – aquele que canaliza a energia psíquica do grupo e que serve como “ponto de apoio” para a manifestação das pulsões coletivas. O líder não apenas organiza as atividades práticas, mas também atua como referência moral e emocional, sendo capaz de amplificar tanto o amor e o companheirismo quanto a agressividade e o ódio.

Essa dinâmica simbólica aparece claramente na fala do participante 1: “existe sim, é um líder, ele que define o que vamos ou não fazer. Apesar de a grande maioria dos membros acabarem tendo atitudes contrárias ao que a liderança passou, tem sim uma grande influência”. Essa influência, que transborda o campo prático, reflete a força arquetípica do líder: ele encarna o poder simbólico do grupo e regula a fronteira entre a lealdade e a exclusão.

Contudo, a liderança nas torcidas organizadas não atua apenas como mediadora de ordem e disciplina – ela também pode reforçar a cultura da violência e da hostilidade. O participante 1, por exemplo, expõe como a violência é tratada como “um título” e como há uma pressão para demonstrar força e agressividade para as outras torcidas. Esse ambiente emocional reforçado pela liderança funciona como um complexo coletivo, onde a violência se converte em um símbolo de poder e de pertencimento.

Além disso, as normas explícitas e implícitas que os líderes impõem (como o uso de determinadas cores ou a proibição de determinados comportamentos) funcionam como mecanismos de controle simbólico e de manutenção da

identidade coletiva. O participante 3 compartilha que, na sua torcida, existe a proibição explícita do uso de roupas verdes, e até mesmo regras não escritas que moldam a aparência dos membros (como a proibição de “pintar o cabelo”). Essas regras não são apenas caprichos autoritários – elas têm uma função psíquica: reforçar a coesão do grupo e proteger a identidade coletiva de qualquer ameaça de diferenciação ou ruptura.

Essa dinâmica de obediência e submissão ao líder – mesmo quando o sujeito não concorda plenamente, como relata o participante 2 que se afastou da torcida por não mais compactuar com os valores do grupo – reflete o que Jung ([1957] 2013) chamou de possessão psíquica. O ego individual se submete a uma autoridade psíquica maior, representada pelo líder e pelo grupo, e a divergência passa a ser vivida como traição ou deslealdade.

Essa estrutura hierárquica funciona, portanto, como um reflexo das contradições e violências da própria sociedade. Como destaca o participante 1: “a torcida é um reflexo da sociedade, machista e violenta”. A obediência às regras rígidas e o culto à violência como forma de prestígio reproduzem dinâmicas que estão presentes em outros contextos sociais – a autoridade que oprime e controla, o medo que silencia e a violência como forma de garantir respeito.

A liderança e a hierarquia, então, não são apenas aspectos organizacionais. Elas são símbolos vivos de como a energia psíquica do grupo se manifesta e de como a cultura da violência e do pertencimento se entrelaçam no cotidiano das torcidas. Essa estrutura rígida reforça a naturalização da agressividade e cria um ambiente onde a obediência cega e a violência simbólica (e física) se tornam formas legítimas de garantir a coesão e o respeito dentro do grupo.

10. Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo compreender a relação entre o fanatismo e a violência nas torcidas organizadas, a partir da perspectiva da

Psicologia Analítica, analisando os relatos de três participantes pertencentes às maiores torcidas da cidade de São Paulo. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a torcida organizada ocupa um lugar na vida de seus membros que ultrapassa o futebol: é, para muitos, um espaço de acolhimento psíquico, de pertencimento simbólico e de expressão identitária profunda. A paixão pelo time, muitas vezes herdada desde a infância e alimentada por laços familiares, transforma-se em um modo de ser e viver, organizar a rotina, construir valores — e, não raramente, justificar condutas violentas.

As falas dos participantes mostraram que esse laço com a torcida não é apenas racional ou simbólico: ele é vivido no corpo, na rotina, nas emoções. Para alguns, a torcida é a única coisa que possuem, o único espaço onde se sentem vistos, valorizados e pertencentes. A partir da teoria junguiana, foi possível compreender como esse vínculo pode ativar complexos inconscientes, despertar afetos intensos e projetar no rival a própria Sombra, alimentando uma lógica de rivalidade que ultrapassa os limites do futebol. Quando o sujeito é tomado pelo coletivo, como evidenciam os relatos, ele se distancia do julgamento pessoal e passa a agir a partir da energia da massa — o que Jung (1938) chamou de possessão coletiva.

Os torcedores se identificam tão profundamente com sua equipe que qualquer ameaça percebida ao seu sucesso ou reputação é vivida como ameaça pessoal. Essa identificação excessiva leva à projeção da sombra nos adversários, criando uma dinâmica de “nós contra eles”, em que o ódio pelo outro time é uma expressão daquilo que é negado ou reprimido dentro de si — como se o inimigo fosse uma parte de si mesmo.

Como aponta Jung (2013a, 2013b), o fanático busca compensar dúvidas e inseguranças com posturas absolutas. O torcedor se funde ao time, e entre eles não há separação: se o time vence, ele se sente vitorioso; se o time perde, ele também é atingido. A identidade pessoal se dissolve na coletiva, o que faz com que a violência contra o rival seja vivida como defesa de si mesmo.

Além disso, as torcidas organizadas frequentemente funcionam como espaços sociais onde aspectos sombrios da psique não apenas são aceitos, mas encorajados. A agressividade, o apoio incondicional e a participação em confrontos são vividos como formas legítimas de expressar pertencimento e reforçar laços identitários. Nesse cenário, a sombra não é reprimida — ela é celebrada, o que alimenta um ciclo de fanatismo e comportamento extremo.

É fundamental considerar que, para muitos, as torcidas funcionam como grupos de referência afetiva e existencial. Encontram ali um sentido de vida, relações que não viveram em outros espaços, um lugar onde podem se reconhecer, ser reconhecidos e existir. A identidade compartilhada se constrói com base em valores, normas e emoções que muitas vezes reforçam comportamentos extremos, mas também oferecem uma rede simbólica de suporte.

O papel das lideranças, das regras e da hierarquia rígida revela como a torcida se estrutura como um microcosmo social — espelhando repressões, contradições e desigualdades da sociedade em geral. O respeito é imposto pelo medo; a união, pela obediência; o pertencimento, pela anulação da individualidade. A violência, nesse contexto, não é exceção: é constitutiva, transmitida como valor e legitimada como força simbólica da torcida.

Esse amor desmedido também caminha lado a lado com um ódio igualmente intenso. A rivalidade entre clubes, muitas vezes reforçada por mídia, redes sociais e dirigentes, incita hostilidade, que é ampliada pelas dinâmicas emocionais do grupo. A pressão para se adaptar às normas da torcida leva os indivíduos a adotarem posturas que talvez não assumissem fora daquele ambiente. O ódio ao rival torna-se uma expressão de lealdade e pertencimento.

O amor à equipe e o ódio ao adversário não são opostos, mas sim duas faces da mesma moeda, alimentadas pela intensidade emocional e pela força simbólica do coletivo. É essa oscilação entre amor e ódio que torna o fanatismo tão poderoso — e tão perigoso.

Nesse ponto, os símbolos ganham centralidade. Eles desempenham um papel essencial na construção e expressão da identidade coletiva. Para Jung, o símbolo conecta o sujeito ao inconsciente coletivo e carrega um poder emocional que transcende a lógica. Nas torcidas, os símbolos aparecem nas cores, emblemas, rituais, cânticos e slogans. Eles evocam sentimentos de união, pertencimento e lealdade — mas também servem para separar: demarcam fronteiras entre “nós” e “eles”. Até o que é negado (como o uso de uma cor rival) se transforma em símbolo de fidelidade.

No entanto, esses mesmos símbolos também podem, em certos contextos, transcender a dualidade entre amor e ódio. Em momentos de dor ou derrota, eles são convocados como força de resistência, reafirmando o vínculo dos torcedores com seu time e com os outros membros do grupo. O símbolo, portanto, não é apenas marca da violência — é também ponte de afeto e resiliência.

Esta pesquisa não pretendeu esgotar o tema, mas abrir caminhos para reflexões que atravessam a Psicologia, a cultura, a política e a educação. Entre as limitações encontradas, destaca-se o número reduzido de participantes. Ainda assim, os relatos obtidos revelaram com clareza a força simbólica, afetiva e psíquica das torcidas organizadas.

Como contribuição, esta pesquisa propõe um olhar que vá além da criminalização ou da romantização. Um olhar que compreenda as torcidas como espaços complexos, onde se misturam dor, amor, pertencimento, exclusão, sombra e luz. O futebol, que pulsa como parte viva da cultura brasileira, não precisa ser violento para ser intenso. Que possamos, enquanto sociedade, criar formas de convivência onde os coletivos se fortaleçam — e não silenciem — os sujeitos. Onde o pertencimento seja construção, e não submissão. Onde a rivalidade não precisa ser ódio. E onde a festa nas arquibancadas possa, enfim, voltar a ser celebração.

Referência bibliográfica

CASSANTE, Guilherme Vida Leal. Jusbrasil. (s.d.). **"O surgimento das torcidas organizadas no Brasil."**Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-surgimento-das-torcidas-organizadas-no-brasil/254214897>. Acesso em: [02/05/2024].

Placar. (2006, outubro). "Outubro 2006." Issuu. Recuperado de <https://issuu.com/placar/docs/outubro-2006-pdf>. Acesso em: [03/05/2024].

Coriolano, A. M. M., & Conde, R. F. Q. (2016). **Fanatismo e agressividade em torcedores de futebol.** Revista Brasileira de Psicologia Do Esporte, 6(2), 42–56.

JUNG, Carl Gustav. Aion: **estudos sobre o simbolismo do si-mesmo.** Tradução de Maria L. R. de Vasconcellos. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1991.

NASCIMENTO, Kayo César Santo do. **A relação entre a paixão e a violência nas torcidas organizadas do futebol brasileiro.** 2018. Disponível em: <http://200-98-146-54.cloudnol.com.br/bitstream/123456789/1837/1/Artigo%20-%20Kayo%20C%C3%A9sar%20Santos%20do%20Nascimento.pdf>.

BARBOSA, Francielly. **Paixão em campo: estudos avaliam o fanatismo entre torcedores de futebol a partir da neurociência.** 2019. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=noticias/31-08-2023/paixao-em-campo-estudos-avaliam-o-fanatismo-entre-torcedores-de-futebol-partir>

HOFFER, Eric. **O verdadeiro crente: reflexões sobre a natureza dos movimentos de massa.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1951.

COSTA, Roberta Reis Batschauer da. **Fanatismo de torcedores de futebol: uma reflexão junguiana.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – [Pontifícia Universidade Católica de São Paulo], 2024. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/41840>.

BYINGTON, Carlos. **Futebol: a grande paixão do povo brasileiro: um estudo da psicologia simbólica junguiana.** *Junguiana – Revista da*

Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 231, 2019.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião: West e East**. Tradução de Maria L. R. de Vasconcellos. São Paulo: Vozes, 1999.

MORAES, R. C.de. **E quando o Messias pisa na bola?** *Jornal da Unicamp*, 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/reginaldo-correa-de-moraes/e-quando-o-messias-pisa-na-bola>. .

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 9. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016.

OLIVEIRA, Maria Paula Magalhães Tavares de. **Reflexões sobre agressão e violência: da biologia à cultura**. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 117–126, jul./dez. 2023. Disponível em: [Junguiana](#). Acesso em: 19 maio 2025.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o inconsciente**. São Paulo: Cultrix, 1988.

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de entrevista semi-dirigida

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual o seu gênero?
- 3) Você é membro de qual torcida organizada?
- 4) Como começou sua paixão pelo futebol?
- 5) O que te motivou a entrar para uma torcida organizada?

- 6) Com que frequência você participa de eventos e jogos de sua torcida organizada?
- 7) Você já presenciou episódios de violência da sua organizada com outra? Se sim, como descreveria esses eventos?
- 8) Na sua opinião, quais são os principais fatores que contribuem para comportamentos violentos nas torcidas organizadas?
- 9) Como você define o "fanatismo" dentro de uma torcida organizada? Quais são os comportamentos ou atitudes que o caracterizam?
- 10) Como você se sente em relação aos rivais de outras torcidas?
- 11) Quais valores ou normas (explícitas ou implícitas) são cultivados dentro da sua torcida? De que forma eles influenciam o comportamento dos membros?
- 12) Você já se sentiu emocionalmente impulsionado a participar de comportamentos agressivos ou violentos durante um evento esportivo? Se sim, o que você acredita que tenha desencadeado isso?
- 13) Existe uma pressão explícita ou implícita dentro das torcidas para exibir comportamentos agressivos ou de intimidação? Se sim, como isso acontece?
- 14) Você considera que há uma influência do contexto social ou econômico na propensão à violência dentro das torcidas? Explique como.
- 15) Como você percebe o papel da liderança dentro das torcidas organizadas? Existe uma influência direta da liderança sobre o comportamento dos membros?

- 16) Você acredita que daqui uns anos São Paulo voltará a ter duas torcidas no estádio?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: *A relação do fanatismo com a violência nas torcidas organizadas da cidade de São Paulo sob a perspectiva da Psicologia Analítica*

Pesquisadora Responsável: Maria Izabel Simões Rodrigues

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Orientador(a): Marisa Vicente Catta-Preta

Contato da Pesquisadora: bebel.simoesss@gmail.com/ 11 97165-7734

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP):

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um órgão responsável por avaliar e acompanhar pesquisas que envolvem seres humanos, garantindo que sejam conduzidas de forma ética, segura e em conformidade com as diretrizes da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O CEP analisa os projetos para proteger os direitos, a dignidade e o bem-estar dos participantes, assegurando que haja um equilíbrio entre os riscos e os benefícios da pesquisa.

A missão do Comitê de Ética da PUC-SP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de pesquisas que envolvem seres humanos, protegendo a integridade e a dignidade dos participantes. O comitê é um órgão colegiado, multidisciplinar e autônomo, vinculado à Reitoria da universidade, e atua de acordo com os valores ético-cristãos, integrando-se à Missão Institucional da PUC-SP. Além disso, toda pesquisa que envolve seres humanos deve ser submetida à apreciação do comitê, conforme a Resolução nº 196/96 da CONEP.

Dados para contato e endereço do C.E.P. PUC SP:

- **Endereço:** Rua Monte Alegre, 984, Perdizes - São Paulo - SP, CEP: 05014-901
[PUC-SP](#)
- **Telefone:** (11) 3670-8000
(PABX) [PUC-SP](#)
- **Horário de atendimento ao público:** Das 11h00 às 13h00 de segunda a quarta-feira e das 15h30 às 17h00 de quinta e sexta-feira

O (A) Sr.(a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa, de forma voluntária, da pesquisa intitulada *A relação do fanatismo com a violência nas torcidas organizadas da cidade de São Paulo sob a perspectiva da Psicologia Analítica*. É importante que você compreenda os objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios do estudo.

Este estudo busca analisar e compreender a relação entre fanatismo e violência no contexto das torcidas organizadas, explorando as motivações e percepções dos participantes a partir da abordagem da Psicologia Analítica.

Se você concordar em participar, será convidado(a) a responder uma **entrevista semi-estruturada online**, contendo **16 perguntas abertas**, para compartilhar sua vivência e concepção sobre o tema.

- A entrevista será realizada em um ambiente virtual (plataformas como Google Meet ou Zoom).
- O tempo de duração será flexível, dependendo da disponibilidade do(a) participante.
- A entrevista será **gravada em áudio**, com sua permissão, para fins de transcrição e análise. O áudio será gravado pela entrevista feita via plataforma Zoom ou Meet. Após a entrevista e transcrição a gravação será deletada para evitar qualquer possibilidade de vazamento de dados e implicações que fujam a ética de tal procedimento. A gravação não será salva em nuvem, visto não ser recomendado .mas em pasta de documentos do computador do pesquisador ,para que depois seja deletada sem causar problemas de vazamento de dados.
- Todas as informações fornecidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos e científicos.

As perguntas a serem respondidas são o principal meio de analisar e

compreender essa relação, pois dará acesso a vivência e concepção de cada participante.

Os encontros serão marcados de acordo com a disponibilidade dos participantes e da pesquisadora, contando com flexibilidade para eventuais mudanças de dia e horário na realização das entrevistas.

Para participar do estudo, não haverá nenhum tipo de custo ou qualquer vantagem financeira para ambas as partes (pesquisador e participante). O participante poderá esclarecer questões sobre o estudo a qualquer momento, estando livre para participar ou recusar-se.

O estudo apresenta **riscos** de possível desconforto ao falar sobre determinadas experiências ou fazer relatos dos quais tenha presenciado, dado que pode sentir-se mobilizado emocionalmente em relatar alguns fatos.

Se isso ocorrer, a entrevista poderá ser pausada ou interrompida a qualquer momento, sem prejuízo para você. Depois de feita a entrevista e ela for transcrita, será enviada a vocês e a qualquer momento durante ou após as perguntas, caso resolva desistir de participar da pesquisa, poderá fazer e seu nome e conteúdo será excluído pelo pesquisador.

Caso sinta necessidade, você poderá receber **apoio psicológico**, seja por meio da orientadora ou pelo encaminhamento à Clínica Psicológica da PUC-SP.

Embora não haja benefícios financeiros ou materiais diretos, sua participação contribuirá para a produção de conhecimento acadêmico sobre a relação entre torcidas organizadas e violência, podendo gerar impactos positivos na sociedade.

Ao assinar o termo, o participante concorda com a gravação de áudio da entrevista para futuros registros da pesquisadora relacionados apenas ao TCC.

Seus dados serão tratados com sigilo. Seu nome e outras informações que possam identificá-lo **não serão divulgados**. Os áudios das entrevistas serão transcritos e, após a finalização da pesquisa, **serão apagados**.

Este termo de consentimento deverá ser assinado em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida ao participante. Os dados serão armazenados de forma segura pela pesquisadora por um período de 05 (cinco) anos e, após este período, serão destruídos.

Sua participação é **voluntária** e você pode desistir **a qualquer momento**, sem necessidade de justificativa e sem qualquer prejuízo para você.

Caso deseje retirar seu consentimento após a entrevista, poderá solicitar a exclusão dos seus dados da pesquisa.

Se você tiver dúvidas ou desejar mais informações, pode entrar em contato com o Comitê de Ética de Pesquisa:

- **Pesquisadora:** Maria Izabel Simões Rodrigues -
[bebel.simoesss@gmail.com e 11 97165-7734]
- **Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP:** [Contato do CEP]

Após ter lido e compreendido todas as informações acima, declaro que estou ciente dos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa. Sei que minha participação é voluntária e que posso desistir a qualquer momento.

São Paulo, _____ de _____ de 20_____.

Nome
participante: do(a)

Assinatura
participante: do(a)

Assinatura
pesquisadora: da
